

Entre algoritmos e argumentos: o paradoxo da IA na pesquisa: *Por que a era das máquinas nos força a reaprender o básico*

Quando os tempos mudam, nós também precisamos mudar. E é para isso que a ciência existe: para acompanhar, analisar, descrever e interpretar os movimentos de transformação. Talvez você não goste do que mudou. Talvez não concorde. Talvez preferisse que fosse diferente. Mas, independentemente da nossa opinião, as coisas mudam. Podemos até ignorar o que mudou — mas não podemos ignorar as consequências de ignorar a mudança. E, quando o assunto é inteligência artificial, eu também tentei ignorar.

Durante quase dez anos, escrevi meus artigos sem qualquer apoio de IA. Produzi projetos para processos seletivos, minha dissertação, minha tese e todos os meus textos com base em ferramentas tradicionais. Quando surgiram o ChatGPT e outras inteligências artificiais generativas, minha reação foi de ceticismo — até de desprezo. O uso dessas ferramentas me parecia atalho demais. Parecia coisa de quem não queria aprender de verdade. Minha preocupação não era só com ética ou transparência: eu temia que a escrita científica perdesse sua subjetividade — para mim, uma das marcas mais potentes do trabalho intelectual. Os escândalos sobre plágio e retratações reforçavam meu discurso anti-IA. E o apego ao que já funcionava me fez resistir por um bom tempo.

Mas meus alunos queriam usar. Era inevitável. E à medida que começaram a explorar essas ferramentas, percebi que muitos cometiam erros graves por não saberem como usá-las. Vi textos pasteurizados, argumentos frágeis, trechos mal interpretados, e até casos de plágio. Entendi que ser contra não adiantava. Proibir, muito menos. O medo e a ameaça não educam. Se eu queria orientar meus alunos para um uso responsável da IA, eu mesma precisava compreendê-la. O bom e velho “o exemplo arrasta” nunca foi tão necessário.

Foi assim que mergulhei nesse universo: testei ferramentas, experimentei abordagens, comecei a aplicá-las nos meus próprios artigos. O medo me acompanhou nos primeiros meses — e sou grata a ele. Foi ele que me fez pensar antes de usar. Hoje, o medo passou, mas o entendimento ficou.

Aos mais resistentes, digo com empatia: nossos alunos já usam. E as próximas gerações nem saberão como é fazer pesquisa sem IA. Cabe à nossa geração — todos que estão pesquisando hoje — construir uma cultura de ética, responsabilidade e transparência no uso dessas ferramentas. Porque sim, elas ajudam. A mim, têm ajudado. A você, podem ajudar. Aos seus alunos, também. Mas todos nós precisamos de orientação.

Aos entusiastas, peço cautela. Uma aluna me disse recentemente: “Professora, parece que a IA dá cria”. Ela falava da sensação constante de estar para trás — toda vez que dominava uma ferramenta, surgia outra. Eu respondi que a questão não é dominar a IA, mas dominar o processo de pesquisa. Quem compreende as etapas da pesquisa — a escolha do tema, a revisão de literatura, a análise crítica, a problematização — sabe exatamente como e quando usar a IA sem se perder ou se colocar em risco.

Novas ferramentas continuarão surgindo, e isso é bom. O próprio sistema — as pessoas que usam — seleciona as melhores e descarta as piores. Mecanismos de verificação também evoluirão, e isso também é positivo. O medo do plágio ou do detector de IA não precisa ser companhia constante de quem faz pesquisa de forma ética. Esses mecanismos de controle devem ser

entendidos como aliados, não como inimigos. Eles nos provocam, nos ajudam a pensar, nos mantêm atentos.

A grande ironia do avanço tecnológico é que, justamente agora, somos chamados a voltar ao básico. É preciso aprender a pesquisar e a escrever antes de usar IA. De nada adianta uma ferramenta que “lê por você” se você não compreende o que está sendo dito. Pouco ajuda um fichamento gerado por IA se ele não se transforma em pensamento na sua mente. O papel aceita tudo. Um texto pode ser só uma pilha de palavras. Mas uma pesquisa precisa de densidade, cientificidade, profundidade — e, sim, subjetividade. Tem coisas que só a sua inteligência pode fazer.

Quais seriam, então, meus conselhos?

Aos professores e orientadores: aprendam a usar. Eu sei, é mais uma carga entre tantas. Mas a realidade nos impõe esse compromisso. E não aprendam para repreender — aprendam para compreender. Para ensinar. Para fazer ciência.

Aos pesquisadores que se sentem seguros com as ferramentas tradicionais: experimentem. A IA pode dar mais agilidade a processos que antes tomavam tempo demais — e nossos textos agradecem. Nossa saúde mental também.

Aos novos e futuros pesquisadores: não aprendam a IA antes de aprender pesquisa. O conhecimento vem antes da ferramenta.

A verdade é que a inteligência artificial não veio para nos substituir. Ela veio para nos provocar. Cabe a nós decidir se vamos usá-la para pensar melhor ou para pensar menos. Talvez o maior desafio da nossa geração acadêmica seja justamente este: ensinar a pensar antes de pedir para a máquina escrever.

Fernanda Bueno Cardoso Scussel
Pesquisa na Prática